



EDITORIAL

O artista, a memória quase cheia, o tempo e o infinito: quando eu tiver sessenta e quatro

Edil Carvalho Guedes Filho¹

Envelheçam! Foi este o conselho do dramaturgo Nelson Rodrigues aos jovens, depois de indagado, em entrevista televisiva, pelo jornalista Otto Lara Resende. Não é um mau conselho. Dentre as alternativas que temos, é seguramente a melhor! E estatisticamente é mais fácil ouvi-lo nesta altura de nosso tempo histórico. A expectativa de vida, no Brasil e no mundo, mais do que dobrou desde o início do século passado. Devemo-lo a muitos fatores: aos avanços tecnocientíficos, aos impressionantes ganhos de produtividade da economia moderna, além das melhores condições médias de nutrição, moradia, saneamento básico e higiene pessoal.

Mas envelhecer não é tarefa simples, cuja dureza se resolva com eufemismos. Não chegamos à “melhor idade”. E sermos potencialmente tão longevos impõe ao processo novas exigências. Passamos a lidar mais demoradamente, mesmo com mais recursos, com as agruras do corpo, enfrentamos os custos de atravessar tantas mudanças geracionais no espaço de uma vida, trabalhamos mais e por mais tempo e, por outro lado, podemos restar mais longamente fora do mundo do trabalho. No Brasil, nos últimos dez anos, em razão da mudança no perfil etário de sua população, aumentou em mais de 50% a população economicamente ativa na faixa acima de 60 anos. E tudo isso adquire outra dimensão se saímos da média estatística e consideramos as condições profundamente desiguais, do ponto de vista social, em que as pessoas enfrentam a velhice.

Envelhecer nas sociedades modernas e contemporâneas oferece-nos ainda outro desafio, de outra ordem. Marcado paradoxalmente pela primazia do tempo quantitativo sobre o tempo qualitativo, e pela transferência, do passado para o futuro, de sua instância normativa – como bem nos ensinou Henrique Cláudio de Lima Vaz –, nosso *ethos* não mais assegura, como essenciais, os valores da ancianidade e da exemplaridade do *phrónimos*. A capacidade de admirar o sábio e sua trajetória é uma virtude a ser reconquistada.

Não temos como ignorar, no entanto, que a perspectiva do envelhecimento mudou muito em poucas décadas. Paul McCartney escreveu a deliciosa canção *When I'm Sixty Four* quando tinha 15 anos, em 1957 (embora a tenha gravado, junto com os Beatles, com 25 anos, em 1967). Nela, o jovem compositor projetava a sua própria velhice, de forma bem-humorada, como um tempo de incapacidades e dependências: “Will you still need me? / Will you still feed me?”. Pois bem, em 2007, aos 65 anos, McCartney lançou o vigoroso

¹ Bacharel em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1994), mestre (1999) e doutor (2009) em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

álbum *Memory almost full*, em nítida referência ao álbum de 1967, no qual brinca com essa mudança de perspectiva, com a sua própria longa, dificultosa, mas virtuosa estrada, além de considerar muito atentamente as vicissitudes do tempo presente. Agora o olhar é outro: “At the end of the end / It’s the start of a Journey / To a much better place”, registra a última faixa do álbum. Paul segue, agora depois dos 80 anos, mais ativo e criativo do que nunca. Aristóteles já nos ensinara que a autorrealização humana não é obra de um lapso de tempo, mas de uma vida.

Quando envelhecemos, temos mais vívida consciência do fim, mas somos convidados a refletir mais seriamente sobre o sentido da vida, sobre o horizonte de sua realização, inclusive – e principalmente – o que transcende o tempo e a morte. Nesse concerto da vida – tal como imaginado pelo quase octogenário Chico Buarque, esse brasileiro genial –, que o tempo, a seu tempo, finalmente alcance a glória, e o artista, o infinito.